

Introdução

Em décadas recentes, muito foi escrito sobre o poder mágico das runas. O livro que tem nas mãos foi, porém, a primeira obra em língua inglesa que propunha explorar o uso prático da magia das antigas runas germânicas, o sistema que representam e no qual, por sua vez, se encontram contidas. A intenção declarada era, assim, retificar a ausência de títulos em inglês sobre estas matérias e apresentar às pessoas o lado operacional do quase esquecido, e bastante negligenciado, sistema rúnico de magia e misticismo. As runas continuam a ser uma das mais poderosas expressões de pensamento metafísico disponíveis no ocidente – sobretudo quando falamos da região que lhe deu origem.

As raízes da tradição rúnica foram ocultadas durante centenas de anos, mas a muito aguardada era chegou, na qual o poder dos mistérios rúnicos se tornou novamente presente. Entre os praticantes de magia de língua inglesa, o conhecimento rúnico decresceu paulatinamente desde os tempos do rei Cnute (que morreu em 1035 d.C.), mas as respectivas tradições nunca desapareceram. Isto é sobretudo verdade na região da Escandinávia, onde os encantamentos rúnicos (*galdrar*) continuaram a ser praticados quase até aos nossos dias.

Este livro pretende evocar as forças rúnicas nas mentes de todos nós, homens e mulheres, para que as suas tradições e o seu poder possam renascer e recuperar o antigo esplendor. As runas personificam os pequenos e os grandes mistérios da natureza, e constituem a chave para os decifrar, pois são elas próprias esses mistérios.

Durante demasiado tempo, permitimos que estas magníficas ferramentas de magia definhassem esquecidas em tomos empoeirados. Agora, os seus segredos podem ser novamente revelados aos que procuram o conhecimento.

O universo rúnico representa uma parte importante da mais velha tradição de sabedoria mágica conhecida do mundo germânico. Os antigos godos, os escandinavos, os germanos ou os ingleses, todos conheciam o poder das runas e estavam unidos por uma poderosa guilda de mestres rúnicos que ensinava a sua arte em todas as tribos do norte da Europa. Seria natural que os seus herdeiros as procurassem de novo, a fim de recuperarem a antiga sabedoria. A acreditar na tradição, os seus antecessores nunca morreram e, geração após geração, foram renascendo e preservando os seus segredos até se tornarem *nós*. Através das chaves rúnicas, *nós* podemos aceder novamente aos mais secretos recônditos da alma, o que nos permitirá libertar a sabedoria e o poder mágico para nosso próprio uso.

As runas e o sistema rúnico, enquanto expressão eterna das leis universais, podem ser constantemente aplicados de maneiras novas sem violar as características intemporais. Por conseguinte, hoje em dia são utilizados em sistemas de integração psicológica e investigação cosmológica – ambos os quais se baseiam com firmeza em preceitos encontrados nos *Eddas*.

Um dos aspetos mais poderosos do sistema rúnico de magia e filosofia é a sua abertura e a ausência de dogmas. Este livro pretende ser um guia para o *vitki* (praticante de magia) criativo e talentoso, que deverá usá-lo como um ponto de partida para se tornar num verdadeiro filósofo por mérito próprio. Uma vez mais, as tradições que encontramos nos *Eddas* e noutras sagas são os melhores indicadores para a direção espiritual que um *vitki* deve tomar de forma a obter os melhores resultados. Em tempos idos, todos os homens livres eram os seus próprios sacerdotes – e assim devia continuar a ser. No que diz respeito à elaboração de um plano de iniciação e desenvolvimento, é aconselhável que o aspirante a *vitki* leia o livro inteiro, para depois desenvolver uma versão pessoal do sistema completo explicado nestas páginas. Todavia, os *vitkar* mais

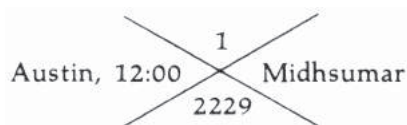
dedicados podem continuar a contar com a ajuda de uma guilda rúnica que lhes oferece uma iniciação mais sistemática². Este livro encontra-se dividido em três secções: conhecimento, teoria e prática da magia rúnica. Esta abordagem, que pode ser complementada com leitura de outras obras similares, constitui a base para um nível de iniciação bastante completo. É impossível explicar, num qualquer número de páginas, a vastidão de um sistema tão completo como a Cabala ou a literatura védica. Explicar o sistema básico da magia rúnica, na sua vertente mais prática, revelou-se bastante difícil. Espero, porém, que este esforço sirva pelo menos para despertar o interesse de mais pessoas e que abra as portas a outras obras sobre adivinhação, cosmologia, sabedoria tradicional, e por aí adiante.

Nos últimos anos, foram publicados muitos livros e artigos que associam o movimento nacional-socialista alemão ao culto rúnico e à magia das runas. De facto, os nazis apropriaram-se do imaginário rúnico com uma abordagem que, hoje em dia, classificaríamos como um exercício de gestão de marca. Nesse aspeto, o aspirante a *vitki* moderno poderá sentir-se, de uma forma algo enviesada, envaidecido pelo facto de as runas continuarem a apresentar-se como símbolos poderosos. Contudo, deve ser fortemente enfatizado que *não* eram as runas nem o verdadeiro espírito germânico que se encontravam no coração dessa “blasfémia burocrática”, mas antes uma espécie de maniqueísmo messiânico, pseudocristão, que constituía a génese do partido nazi. No primeiro capítulo, discutiremos parte do enquadramento histórico que conduziu à inclusão de certas características do universo rúnico no movimento nazi, pois é apenas compreendendo de que forma foram distorcidos alguns dos nossos tesouros mais sagrados que seremos capazes de arrumar definitivamente esta questão.

Ao longo de todo o livro, tentei manter-me fiel à *forma* e ao *espírito* da tradição rúnica, com vista a apresentar um sistema isento de qualquer influência judaico-cristã. Nós, ocidentais, carregámos

² Para mais informações, consulte o meu livro *The Nine Doors of Midgard* (The Rune-Gild, 2016).

durante demasiado tempo a cruz de crenças que não são nossas. Não foi por falta de oportunidade que todas falharam no que diz respeito a satisfazer as profundezas da alma indo-europeia. O seu tempo esgotou-se, e o momento não podia ser mais oportuno para o ressurgimento da sabedoria dos *eriloz*. A descoberta do poder divino tem de acontecer no interior de cada indivíduo – e foi com essa esperança que aceitei esta missão³.



Austin, 12:00 1 Midhsumar
2229



Eðred :  : godi

³ Para conhecer melhor a Guilda das Runas, fundada pelo autor, vá a www.rune-gild.org.

O conhecimento rúnico



DEFINIÇÕES

O primeiro passo para compreendermos a tradição rúnica é entendermos o que são as *runas*. Uma runa não é apenas uma letra num alfabeto germânico antigo, mas antes um símbolo que comporta em si a definição primordial de “segredo” ou “mistério”. Esse significado básico poder ser comparado com o uso do termo *arcana* em relação ao tarô. Como tal, uma runa é, em primeira instância, um segredo, um conceito divino ou uma ideia que tem de ser transmitida e abordada com uma certa dose de secretismo. Ao longo deste livro, a runa deve ser primeiro interpretada como um segredo e um conceito divino.

A palavra *runa* é originária das línguas germânicas e encontra-se presente em todos os seus dialetos, incluindo os mais antigos (consultar a Tabela 1.1, na página 26). O cognato na língua alemã moderna é *raunen*, que significa “sussurro”. Também a podemos encontrar nas línguas celtas, como é o caso do irlandês antigo, em que aparece como *rún*, ou do galês médio, que apresenta a versão *rhin*. Em ambos os casos, o significado é o mesmo: mistério, segredo. É provável que os celtas tenham ido buscar a palavra aos germanos, uma vez que *runa* tem origem na expressão protoindo-europeia *reu*, ou rugir.

Esse significado foi mais tarde aplicado nos símbolos hieroglíficos que representam uma runa enquanto unidade de uma tradição secreta. É nessa forma que foi inscrita como símbolo de uma ideia

indistinta e intemporal. Apesar disso, este símbolo acabou incorporado num sistema de escrita que atribuiu um valor fonético a cada variante apresentada. A partir desse momento, a runa foi erroneamente associada ao conceito de “letra”, tal como é entendida no contexto de uma língua.

Tabela 1.1 Definição germânica de runa

Dialeto	Palavra	Significado
Nórdico antigo	<i>rún</i>	Segredo, tradição secreta, sabedoria, sinais mágicos, caracteres escritos.
Gótico	<i>rúna</i>	Segredo, mistério. Úlfilas, que no século IV traduziu a Bíblia, usou este termo para a expressão grega μυστήριον.
Inglês antigo	<i>rún</i>	Mistério, conselho secreto
Saxão antigo	<i>rúna</i>	Mistério, segredo
Alto alemão antigo	<i>rúna</i>	Mistério, segredo

Apenas alguns símbolos que compõem o universo rúnico receberam representações fonéticas (aos quais chamaremos letras rúnicas), ao passo que um grande número permaneceu mais ou menos circunscrito ao domínio ideográfico. As runas incluídas neste último grupo podem ser descritas como glifos. Este livro pretende, sobretudo, oferecer algum esclarecimento sobre as letras rúnicas e o sistema mágico em que se desenvolveram, embora as runas classificadas como glifos constituam parte integral desse sistema. Não podemos esquecer que ambos os grupos pertencem ao universo rúnico. A única diferença é que as letras rúnicas, incluídas no sistema Futhark, foram “padronizadas” pelas guildas mágicas da época, de acordo com determinados critérios conceptuais e numerológicos.

Definições mágicas

Segundo a maioria dos estudiosos, as runas são símbolos ancestrais usados para escrever, especialmente sobre pedra ou metal. Estes símbolos detinham um significado religioso ou mágico – algo que não pode ser negado nem pelo acadêmico mais sisudo.

Aos olhos de um *vitki*, estes símbolos têm um significado muito mais rico e abrangente, no qual não vê revelados apenas a verdadeira natureza e o poder das runas, mas também a sua importância histórica e cósmica. Um *vitki* vê nas runas hieróglifos de uma natureza altamente complexa. Trabalhos de pesquisa e investigação, desenvolvidos quer no domínio intelectual, quer no domínio mágico, revelaram que as runas são ideogramas que expressam processos e fluxos de força e energia.

Todas as runas apresentam uma natureza tríplice, pois é igualmente tríplice a essência do segredo que guardam adormecido. As características a reter são:

- Forma (valor fonético e ideográfico);
- Ideia (conteúdo simbólico);
- Número (natureza dinâmica que revela a sua relação com as restantes runas).

As runas descrevem fluxos e estados de energia relacionados com o indivíduo, com o planeta e, por fim, com o multiverso. As runas resumem e expressam graficamente conceitos de mundos distintos que podem ser usados como pontos focais para rituais mágicos e místicos que podem ser executados isolados ou em simultâneo.

A ORIGEM DAS RUNAS

Quando falamos em origem, estamos a referir-nos mais à origem dos símbolos rúnicos do que à origem dos mistérios que representam. Os mistérios são intemporais e foram criados – ou passaram a existir, melhor dizendo – quando o grande abismo mágico (*Ginnungagap*) deu origem aos Nove Mundos. Na verdade, as runas desempenharam um papel importante nesse processo de “criação” ou de “formação” dos Nove Mundos, precedendo a chegada dos seres vivos. Podemos falar dos símbolos rúnicos num contexto mais histórico, visto que nasceram dos sinais sagrados criados por sacerdotes e mágicos da Idade do Bronze (ou provavelmente muito antes) como

expressões gráficas abstratas do conteúdo mais profundo dos seus ensinamentos mágicos e religiosos (ver Figura 1.1). Encontramo-los em abundância nas mais antigas gravuras rupestres da Escandinávia. Rudolf John Gorsleben descreve o “homem primordial” sentado no cume de uma montanha, enquanto recebe lampejos de inspiração vagos que depois expressa emocionalmente através de símbolos. Os próprios símbolos passam, então, a ser os conceitos que lhe foram transmitidos.

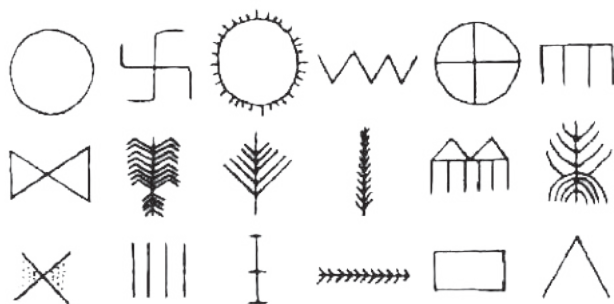


Figura 1.1 Exemplos de gravuras em pedra da Idade do Bronze que mais tarde se tornariam símbolos rúnicos.

Na sua fase inicial, estes símbolos “pré-rúnicos” eram exclusivamente ideográficos ou hieroglíficos. A representação fonética de uma língua por meio de símbolos é uma noção que surge mais tarde, sendo só introduzida nos territórios germanos depois de ocorrido o primeiro contacto com as culturas do Mediterrâneo. Muitos estudiosos acreditam que esta introdução começou no século II a.C., quando os cimbros e os teutões invadiram a Península Itálica e descobriram os alfabetos etrusco e latino. Outros defendem que as runas são uma criação dos godos dos séculos I e II d.C., enquanto este povo ainda ocupava a costa báltica. As duas teorias são interessantes e contêm muitas verdades, mas não constituem o nosso principal interesse. É importante salientar que quando os povos germânicos escolhiam uma runa (um símbolo de culto) para representar um som da sua língua, tendiam a escolher (embora nem sempre) um símbolo que de certa forma se assemelhava ao

carácter etrusco, latino ou grego correspondente. Uma opção que, sem dúvida, desempenhou um papel importante na criação dos *galdrar* e das respectivas associações com determinados símbolos rúnicos.

A estrutura interna, a sequência, a nomenclatura e o conteúdo simbólico destes glifos nunca foram contaminados pela influência das culturas mediterrânicas. Existe uma estrutura mágica, profundamente enraizada, que terá regido estes fatores. Os sacerdotes e os praticantes do culto germânico conheciam bem esta estrutura mágica, e formularam cuidadosamente a ideologia rúnica, tendo-a transmitido além das fronteiras tribais por via de canais de culto preexistentes. Essa guilda ancestral de mestres rúnicos permitiu que as runas mantivessem a integridade enquanto cruzavam um sem-número de fronteiras tribais ao longo dos séculos. No século I d.C., Tácito refere a utilização das runas (às quais chama *notae*) em rituais de adivinhação.

Do ponto de vista mítico, foi pela mão do “Deus da Magia”, Odin, que deuses e homens tiveram acesso à sabedoria das runas. Odin foi a primeira entidade a ser iniciada nos mistérios rúnicos, ou seja, teve a oportunidade de extrair a sabedoria das runas diretamente da fonte, para depois a reformular com vista a poder ser *comunicada* aos outros. Em virtude disso, foi pelo poder de Odin que as runas passaram a ser mais fáceis de interpretar. Este mito de iniciação é referido nos *Eddas*, na canção *Hávamál*, as palavras de Hár (Hár, o altíssimo, ou Odin). Nas estrofes 138 e 139 podemos ler o seguinte:

*Sei que fiquei suspenso,
nove noites inteiras,
numa árvore agitada pelo vento,
ferido pela lança
e dedicado a Odin.
Entregue a mim,
naquela árvore,
cujas raízes não sei de onde vêm.*

*Não me entregaram pão,
nem um chifre de onde beber.
Desviei o olhar para o chão,
e só então peguei nas runas.
Peguei nelas gritando,
e de lá de cima caí.*

Estes versos descrevem um ritual de iniciação que poderíamos classificar como similar aos rituais xamânicos, no qual o iniciado atravessa os Nove Mundos de *Yggdrasil* e entra no reino de Helheim (O Mundo dos Mortos), onde recebe a sabedoria das runas. No instante seguinte, o iniciado regressa a Midgard com essa sabedoria pronta para ser usada e partilhada.

A HISTÓRIA DAS RUNAS

É provável que o sistema rúnico estivesse já plenamente desenvolvido no ano 200 a.C. Sabemos que os antigos sacerdotes germânicos usavam símbolos rúnicos e pré-rúnicos em muitos dos seus rituais mágico-religiosos. Prova disso é o facto de os podermos encontrar gravados em pedra por toda a Escandinávia.


A fase ideográfica do desenvolvimento do sistema rúnico constitui a base para a magia das runas. Neste período inicial, os ideogramas surgiam isolados. Pouco tempo depois, porém, começaram a aparecer os sons e as fórmulas numéricas (*galdrar*), concebidos para produzir determinados efeitos mágicos. Pouco depois, as runas foram incluídas no dialeto germânico comum. Em todos estes estágios de desenvolvimento, as características mágicas continuaram a ser primordiais. Os três tipos de formulações rúnicas – ideográfica, baseada nos sons e a representação fonética de palavras – subsistiram até hoje, permanecendo válidas para serem usadas nas práticas rúnicas dos nossos dias. Serão dados exemplos que iremos analisar nas secções práticas deste livro. Foram encontradas runas talhadas em madeira, pedra, metal e osso. Infelizmente, a maioria dos talismãs rúnicos eram trabalhados em madeira, cuja durabilidade, escusado será

dizer, era menor. É muito importante lembrar que as runas nasceram de uma tradição mágica, em vez de uma necessidade linguística, e que essa associação mágica nunca se perdeu.

Tal como foi mencionado anteriormente, as runas começaram a ser usadas na representação fonética da linguagem depois de os povos germânicos terem tido o primeiro contacto com as culturas mediterrâneas, no século II a.C. Foi também por essa altura que foram padronizadas no conjunto de símbolos mágicos que mais tarde seria conhecido como o Futhark Antigo. As inscrições continuam a ser o principal método para a criação de runas. A maior parte foi talhada em pedras rúnicas, das quais conhecemos cerca de 2500 (existem pelo menos 5 mil artefactos rúnicos). As pedras rúnicas foram erguidas como marcos sagrados e memoriais nos países escandinavos, e podemos até encontrá-las nos Estados Unidos, embora a origem destas seja controversa. As runas assinalavam ainda as rotas comerciais que se estendiam da Europa de Leste à Gronelândia e do Círculo Polar Ártico à Grécia e Constantinopla.

A arte e a escrita

As runas raramente aparecem em manuscritos e poucos parecem ter alguma intenção mágica, embora não possamos descartar a hipótese de serem um reflexo ou a consequência de alguns rituais. Os poemas rúnicos encontrados nas tradições anglo-saxónicas e escandinavas são bastante relevantes e iremos analisar alguns quando estudarmos as runas. O mais antigo manuscrito com símbolos rúnicos é o *Abecedarium Nordmannicum*, datado do século IX d.C. O *Codex Runicus* é um manuscrito dinamarquês do século XIV inteiramente escrito com runas, que apresenta as leis da província da Escânia. Na Suécia, durante o período abrangido pela Guerra dos Trinta Anos (1600-1635), o exército de Gustavo Adolfo utilizou as runas para criar um código que visava confundir os serviços de espionagem austríacos.

Encontramos frequentemente glifos rúnicos incorporados em inscrições rúnicas. Os exemplos mais vulgares são o *Thórshamarr* (o Martelo de Thor) e o *fylfot* . O segundo representa a força mágica dinâmica dos Æsir e a força explosiva do Deus do Trovão.

A cruz solar, ou roda do sol \oplus , também aparece com frequência a partir da Idade do Bronze. Este símbolo europeu ancestral, bastante vulgar, costumava assinalar a localização de um lugar sagrado, tendo sido mais tarde utilizado pelos cristãos nos seus esforços para converter os povos que o usavam. Mais recentemente, claro, os nazis também decidiram usar as runas como ferramentas de manipulação e fizeram da *Hakenkreuz* (a cruz-gamada) o seu símbolo. Um dos seus principais corpos militares, a *Schutzstaffel* (as SS), elegeu a runa \mathfrak{H} como imagem de marca. São casos flagrantes de mau uso das forças rúnicas, visto que a runa com dois S, por exemplo, é um símbolo do sol, não de vitória.

Hoje em dia, quando olhamos à nossa volta, continuamos a encontrar as mais variadas apropriações de símbolos rúnicos. O símbolo da paz, tão prevaiente nos anos 60, é uma adaptação da runa-Yr incluída no Novo Futhark (uma variação do *eihwaz* e *elhaz* da sequência antiga). No início do século XX, tornara-se um símbolo de “morte”, sendo, por isso, usado por ativistas que combateram o movimento nazi durante a guerra. As ambulâncias modernas exibem a runa H na sua forma de letra posterior, a que juntaram ainda o símbolo do caduceu. Estes e outros exemplos obrigam-nos a pensar se não haverá algo intrinsecamente emocional nos símbolos rúnicos. Que outra explicação encontramos para a sua repetida reutilização, apesar de todos os esforços feitos para os suprimir pela força da lógica?

Há quem defenda que as runas também podem ser encontradas na arquitetura alemã. É disso exemplo a antiga técnica de construção em enxaimel (*fachwerk*), que se disseminou pelo mundo inteiro (ver Figura 1.2). Originalmente, as vigas de madeira eram dispostas na forma de runas, o que, em termos mágicos, transmitia ao edifício e às pessoas que nele habitavam o poder rúnico dessas formas. Esta maneira de construir manteve-se até ao dia em que os construtores já não sabiam por que motivo colocavam as vigas dessa maneira – passou então a ser apenas uma simples tradição. As famosas pinturas hexadecimais holandesas derivam igualmente dos símbolos rúnicos.

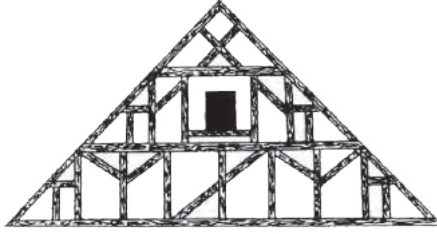


Figura 1.2 Exemplo dos padrões rúnicos que podem ser vistos em edifícios alemães erguidos com a técnica de construção em enxaimel.

No que à arte diz respeito, temos ainda o exemplo dos famosos chifres de ouro de Gallehus, em que as figuras humanas que servem de decoração se encontram em posições que são certamente representativas de símbolos rúnicos e de posturas exigidas ou recomendadas em determinados rituais. Ao longo deste livro, teremos a oportunidade de observar o estilo dessas figuras, que utilizaremos para representar os diferentes *ránastödhur* (por vezes chamados *asanas* rúnicos). Outro exemplo mais obscuro é o crucifixo de pedra que decora o castelo de Bentheim (*Herrgott von Bentheim*). Esta estátua invulgar é uma cópia do original de madeira que foi retirado de uma assembleia escandinava e levado para a cidade. Os braços da figura estão dobrados na forma da runa anglo-frísia Υ^4 . A versão de pedra tem uma conotação cristã, no entanto, mesmo nos dias de hoje é um objeto diante do qual as pessoas fazem juramentos solenes.

Em termos históricos, foram feitas três codificações das letras rúnicas. O Futhark Antigo, composto por 24 runas, a sequência anglo-saxónica, com 33, e o Novo Futhark (ou Futhark Nórdico), que inclui 16⁵. Os dois últimos são variações do primeiro. O facto de a ordem e as correspondências das runas terem sido mantidas é indicador de que estas alterações decorreram no contexto de um culto tradicional regido por determinados preceitos. As informações acerca de algumas destas correspondências podem ser consultadas na tabela incluída no Apêndice D. Neste livro, analisaremos sobretudo as

⁴ Consulte a runa T para compreender a complexidade contida neste símbolo.

⁵ Consulte as figuras 1.3, 1.4 e 1.5.

características do Futhark Antigo, que constituiu a norma entre os anos 800 e 200 a.C. De referir, porém, que os *outros dois sistemas não são menos válidos em termos mágicos*. O novo Futhark começou a ser desenvolvido no século VII, tendo sido concluído por volta do ano 800 d.C., ao passo que o Futhark Anglo-saxónico resistiu ao processo de cristianização até ao século X. Entre os diferentes sistemas, as formas e os nomes de algumas runas acabariam por sofrer alterações, o que nos pode oferecer algumas pistas valiosas para decifrarmos a sua verdadeira natureza. Grande parte desta tradição será explorada e revelada nas secções referentes às runas individuais. Espero que os *vitkar* mais talentosos se sintam inspirados por estes sistemas e os desenvolvam mais um pouco nas suas práticas mágicas.

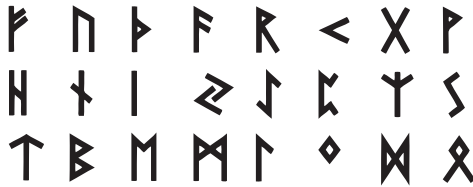


Figura 1.3 O Futhark Antigo.

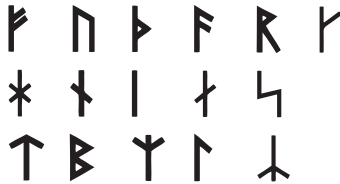


Figura 1.4 O Futhark Novo.

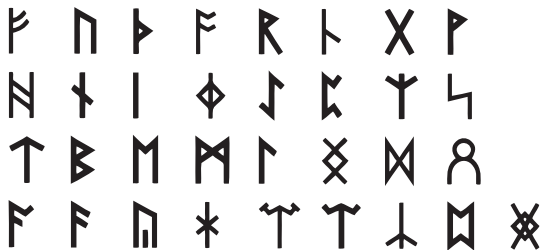


Figura 1.5 O Futhark Anglo-saxónico.

Marcas de propriedade e arte heráldica

Durante e depois da Idade Média, em todo o território germânico continental, as runas foram empurradas para a clandestinidade, onde se desenvolveram como novas formas de expressão por via de símbolos atribuídos ao surgimento da classe nobre e aos homens livres donos de terras. As marcas com que as propriedades começaram a ser assinaladas assumiam a forma de monogramas, simbólicos ou literais, por norma criados a partir de duas runas que eram frequentemente modificadas. Na Idade Média, estas marcas identificavam as terras de um senhor feudal ou de um homem livre, incluindo os seus pertences. Ao contrário dos brasões, podiam ser desenhadas sem cores e pela mão de alguém sem prática. Embora a tradição e as características das marcas de propriedade fossem uma variação da mais elaborada arte heráldica, estas evoluíram de forma separada, sendo mais tarde reincorporadas na lógica dos brasões. A marca de propriedade também podia ser usada como assinatura, à semelhança de um monograma.

Segundo Guido von List, a história destas marcas teve três fases de desenvolvimento. No primeiro período, que durou até meados do século XI, as marcas eram criadas e interpretadas à imagem das runas antigas e de outros símbolos sagrados, o que lhes conferia um elevado valor simbólico e ritualista (tal como é demonstrado na Figura 1.6).



Figura 1.6 Marca de propriedade ideográfica germânica. Em termos de interpretação simbólica, podemos ver os dois espinhos da vida **P** e da morte **M**, com o martelo de Thor no centro. A sua leitura poderia ser: “Que a minha propriedade possa crescer e prosperar até ao dia da minha morte.”

O segundo período prolonga-se de meados do século XV a meados do século XVIII. Nesta fase, os símbolos rúnicos das letras que representavam o apelido ou as iniciais do primeiro e último nome eram sobrepostos para dar origem a um novo símbolo (observe a Figura 1.7). Verificamos que, por esta altura, as runas tinham

perdido o seu valor simbólico mais profundo, evoluindo de formas estritamente ritualistas para representações fonéticas que podiam ser usadas para escrever um nome.

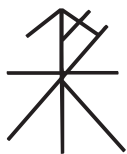


Figura 1.7 Marca de propriedade rúnica germânica. O nome FRYDEL encontra-se representado neste símbolo composto.

Depois do século XVIII, as runas caem em desuso e são finalmente substituídas pelo alfabeto latino, cujas letras passam a constituir a norma para representar o nome de uma pessoa (tal como é demonstrado na Figura 1.8).



Figura 1.8 Marca de propriedade monográfica germânica. Duas letras do alfabeto latino representam as iniciais do nome de uma pessoa.

As marcas dos maçons, comerciantes e outros podem, em alguns casos, ser interpretadas de acordo com as mesmas regras que regiam a criação e a leitura das marcas de propriedade. A sua história tripartida é bastante esclarecedora quanto a encontrarmos explicações para o decréscimo do uso das runas e a sua conseqüente degeneração até aos nossos dias. Contudo, ao reconstituirmos esse caminho, podemos recuperar parte do que, de outra forma, continuaria perdido.

A arte heráldica é um assunto demasiado vasto, e não cabe no âmbito deste livro abordar ou esclarecer as suas ligações ao universo das runas. Digamos apenas, de uma maneira muito sucinta, que a influência das runas pode ser observada em dois aspetos: (1) as runas podem estar incorporadas nos padrões cromáticos de um brasão; ou (2) o conceito de uma runa pode estar dissimulado por uma forma simbólica ou por uma figura diferente.

Uma pequena nota sobre o tarô e as runas

Um punhado de investigadores alemães concluiu, já no século XX, que as runas se encontram na origem do sistema de Tarô dos Arcanos

Maiores. Isto pode ou não ser verdade. Talvez tenha havido algum momento da história em que os dois sistemas se cruzaram. Em todo o caso, convém lembrar que as runas têm um passado documentado que recua a uma época muito anterior à história conhecida do Tarô. O apêndice D apresenta um sistema de correspondências do Tarô baseado no trabalho de Sigurd Agrell, um investigador sueco do início do século XX, e os comentários acerca das várias runas oferecem alguns paralelismos dignos de nota. Caberá ao *vitki* interessado retirar as próprias conclusões sobre o assunto.⁶

PRÁTICAS RÚNICAS

Como já foi mencionado, as runas são encontradas gravadas em madeira, pedra, metal e osso. A madeira é, sem dúvida, o material mais habitual, sobretudo para propósitos mágicos. A expressão “peças de madeira” é frequentemente associada às runas, e podemos dar três exemplos dessa associação em nórdico antigo, como é o caso das palavras *stafr* (ripa, letra, tradição secreta), *teinn* (galho, expressão talismânica para adivinhação) e *hlutr* (pedra ou vareta para adivinhação, ou objeto talismânico – que também serviam para gravar runas). Também existem talismãs de pedra, mas as enormes pedras rúnicas que serviam para cerimônias fúnebres e outros rituais de culto constituem a maioria das inscrições rúnicas encontradas neste material. O metal era bastante usado na criação de talismãs. As *bracteates* (medalhas de ouro decoradas com runas e outros motivos) representam uma tradição importante na magia rúnica. Outros objetos mais utilitários, sobretudo espadas, eram também decorados com runas para lhes conferir poderes mágicos que os tornariam mais eficazes na sua função, incluindo a proteção do utilizador. Os objetos em osso, também vulgares, estavam normalmente associados a rituais mágicos. Quanto à maneira como eram criadas, as runas eram habitualmente gravadas com uma faca ou outro instrumento pontiagudo indicado para o efeito.

⁶ Para mais informações, consulte o meu livro, *The Magian Tarok*.